

NARCISISMO NA CONTEMPORANEIDADE: DECLÍNIO DA ORDEM SIMBÓLICA E DESAMPARO IDENTITÁRIO¹

LUIZA G. BENDER

RESUMO: O artigo trata da relação entre a crise de investidura nas figuras de autoridade e as formas de sofrimento narcísico identitárias como fenômenos decorrentes do processo cultural pós-moderno que se acentuaram nas primeiras duas décadas do século XXI. Diante do enfraquecimento da função simbólica, enfatizam-se os comportamentos compulsivos e a adesão aos movimentos identitários como sintomas recorrentes no contexto sócio-cultural contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: narcisismo; desamparo identitário; compulsões; vazio; falta; castração.

O vazio é a categoria fundamental da ontologia. O ser, antes de vir a ser alguma coisa, é o nada. Em *Introdução ao Narcisismo*, Freud (1914, p. 12) faz a necessária suposição de que o Eu também inexistia no começo. O sujeito só se configura à medida em que o real do corpo carregado de pulsão é inscrito em uma matriz simbólica. É por meio da contínua atividade simbolizante e de múltiplas identificações que o Eu gradualmente se constitui no psiquismo enquanto autorrepresentação.

A ordem simbólica da qual emergem as identificações que estruturam o Eu é uma construção histórica e cultural que não possui causalidade material direta. Sendo assim, o que chamamos de identidade provém do campo ficcional, mas trata-se de uma ilusão necessária para que o indivíduo possa integralizar a experiência de ser "si mesmo" ao longo do tempo, costurando uma narrativa capaz de atribuir um sentido apaziguador à sua existência. A força do símbolo, isto é, a crença na sua legitimidade é o que determina o efeito que produzirá no psiquismo. Quando a função simbolizante é muito forte, a subjetividade produzida tende a ser reprimida por sua crença em verdades vivenciadas como absolutas. Diante da relativização dos valores e certezas, diante da dúvida, a eficácia simbólica declina.

Em *O sujeito incômodo*, Slavoj Žižek (2017, p. 489) assinala que, na modernidade, a personificação da "função simbólica do totem" e do "horror do tabu" foram reunidas

¹ Artigo apresentado na Jornada de Estudos do Círculo Psicanalítico do RS em 20/05/2023.

numa única e mesma figura da família nuclear burguesa. A ambígua rivalidade com o pai, representante tanto "do ponto de identificação ideal" (o Ideal do Eu) como também do "impiedoso agente da proibição cruel" (o Superego), criou as condições psíquicas para um individualismo criativo e dinâmico. Ao mesmo tempo, lançou as sementes da subsequente "crise do Édipo", ou crise de investidura nas figuras de autoridade.

Seguindo o argumento lacaniano, a função paterna só pode ser desempenhada "normalmente", realizando sua tarefa de integrar a criança à ordem sociossimbólica, na medida em que a dinâmica edípica permanece oculta. Quando Freud, precisamente por ser filho de seu tempo, revela esse traço universal que até então permanecia invisível, a figura da autoridade paterna torna-se potencialmente um obsceno "pai gozador", que preso em uma rivalidade imaginária com o filho acaba destituído da sua máscara de detentor legítimo do poder (ZIZEK, 2017, p.489).

A psicanálise, que surge em um contexto de rigor da ordem simbólica, contribuiu para torná-la mais maleável ao lançar luz sobre os processos que constituem o Eu e o desejo, e abriu espaço para a expressão de diferentes subjetividades e formas de gozo. Porém, mais de um século depois, novas descobertas científicas, mudanças econômicas, políticas e, especialmente, novas tecnologias tem provocado uma alteração radical sobretudo no sistema de comunicação que afeta profundamente o campo simbólico o qual, afinal, se constitui e se transforma através da linguagem. O modo como a informação passou a ser produzida, consumida e compartilhada acentuou o vertiginoso declínio da eficácia do símbolo.

Diante do relativismo absoluto e da impossibilidade de simbolização, a ficção das metanarrativas institucionais tem sido, em parte, substituída pelo simulacro imaginário. O centro de gravidade da vida subjetiva se deslocou da ideia de interioridade psíquica para a exterioridade onde a imagem, o corpo e a performance passam a ancorar a identidade e a pautar as relações. Como aponta Benilton Bezerra Jr. (2017) em entrevista acerca do Narcisismo no século XXI:

Numa sociedade tradicional, você sabe o que você é, quem você é, porque a sociedade lhe diz isso. Não é algo que caiba a uma instância interna definir. O seu lugar na hierarquia social é determinado para além das suas vontades. Numa sociedade individualista radical, esse princípio se torna fluido. Vivemos em um imaginário em que cabe a cada um se fazer valer, se fazer reconhecer e, portanto, ficamos cada vez mais dependentes desses mecanismos de reconhecimento, cada vez mais dependentes do olhar do outro sobre nós, o que faz com que o sujeito viva permanentemente na

busca de ser reconhecido, cada vez mais atravessado por essa insegurança que o olhar do outro precisa compensar. Isso é a essência do fenômeno do narcisismo nas sociedades contemporâneas. Não é tanto o mito de Narciso que se encanta com a própria imagem; é mais o espelho da bruxa da branca de neve para o qual ela pergunta constantemente “existe alguém mais bonito do que eu?”

Como defesa, o sujeito se lança em buscas desesperadas de apaziguamento dessa angústia de reconhecimento. Formas defensivas que muitas vezes implicam na adesão maciça a grupos identitários que resultam da necessidade de se encontrar algum lugar onde o reconhecimento esteja dado e não mais incerto.

Em *O Eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*, Elisabeth Roudinesco (2022) faz uma crítica contundente ao que chama de recurso regressivo de reivindicação de "uma hierarquia das identidades e dos pertencimentos" e alerta para a gravidade intelectual e, principalmente, para o risco de retrocesso civilizatório presente nas contradições aberrantes dos movimentos identitários que se proliferaram tanto à esquerda quanto à direita do espectro político.

Além da adesão cega a essa radicalização estimulada por discursos populistas voltados à pautas identitárias, o sofrimento narcísico-identitário que emerge diante da ausência de simbolização pode desencadear outras estratégias de defesa. Quando o ego do sujeito não dá conta de gerir a angústia, ocorre um transbordamento pulsional no campo social, ou no próprio corpo. O sujeito evita a realidade psíquica se precipitando para a atuação ou somatizando o excesso pulsional. Quando, porém, o laço simbólico necessário para ligar a pulsão é excessivamente escorregadio, ocorre um desinvestimento pulsional. O sentido, que poderia nutrir um projeto de vida ou o ideal do eu, não se fixa e não pode ser sustentado enquanto desejo.

Há ainda outro recurso defensivo igualmente radical ao qual o sujeito pode recorrer para tentar lidar com o excedente pulsional não elaborado. Trata-se das adições e compulsões que visam produzir próteses identitárias. Os comportamentos aditivos, que consistem no consumo compulsivo de substâncias psicoativas, sejam naturais ou artificiais, ou ainda produzidas pelo excesso de exercícios físicos ou esportes radicais, buscam atenuar a angústia ou estimular e excitar o ego tomado por uma sensação de vazio ligada ao tédio e à apatia. As adições também podem estar relacionadas a produção de sensações físicas e não psíquicas. Nesses casos, a sensorialidade organiza o Eu despertando a sensação de existir que preenche o vazio e acalma a angústia. Esses comportamentos aditivos de estimulação corporal incluem o sexo compulsivo,

masturbatório ou não; o jejum prolongado; o ato de se cortar; a bulimia; a compulsão alimentar e a movimentação incessante e frenética do corpo, a hiperatividade.

Por fim, os comportamentos compulsivos também são uma forma de dar vazão ao sofrimento ligado ao desamparo identitário. Diferente das compulsões neuróticas clássicas, que apresentam valor simbólico, como lavar as mãos ou verificar se a porta está trancada, e distintas também das adições que estão ligadas à busca de sensações psíquicas ou sensoriais, estas compulsões estão relacionadas com o fracasso da busca por um sentido. Um exemplo, é a compulsão por comprar, onde a marca ou o produto adquirido tem a função de prótese da identidade do sujeito que, incapaz de encarar o vazio existencial, passa a ser aquilo que tem, aquilo que compra (MINERBO, 2019, p. 295 - 299).

Liberto das coerções da natureza e da tradição, o sujeito pós-moderno esbarra em mais um obstáculo que impede o gozo pleno. A ideia da maior liberdade e acolhimento das diferenças é, sem dúvida muito positiva. Por outro lado, ela trás novos problemas. O psiquismo humano é necessariamente atravessado pelas ambivalências, oposições, e contrastes.

O imperativo "seja você mesmo", afirmando plenamente seu potencial criativo singular, acaba esbarrando, como observa Žižek (2017, p. 576 - 577), "no paradoxo de levar quem o obedece a sentir-se completamente isolado daquilo que o circunda, sem absolutamente nada, lançado num vazio da mais pura e simples estupidez". Ao esforçar-se para ser fiel ao seu Eu, renegando os papéis sociossimbólicos impostos, o sujeito cai na armadilha da injunção a uma permanente autorremodelação. Essa constante atualização do sistema operacional do self acaba resultando na estranha e angustiante sensação de perda de si. Em síntese, continua o autor, a individualização extremada se transmuta no seu oposto: a derradeira crise de identidade, na qual "os sujeitos experimentam a si mesmos como radicalmente incertos, sem nenhuma 'expressão própria', trocando uma máscara (imposta) por outra, uma vez que, em última instância, o que está por trás da máscara é nada, um tenebroso vazio que eles tentam freneticamente preencher com sua atividade compulsiva". Por fim, questiona: não seria essa a confirmação definitiva de que "só podemos alcançar um mínimo de identidade e 'ser nós mesmos' aceitando a alienação fundamental na rede simbólica?"

REFERÊNCIAS

BEZERRA JR., Benilton. *Narciso no Espelho do Século XXI: Diálogos entre a Psicanálise, as Ciências Sociais e a Comunicação*. Rio de Janeiro, 27 mai. 2017. Disponível em <<https://youtu.be/8OGYSymG0lg>>. Acesso em 10/05/2023.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo* (1914). In: *Obras Completas, volume 12*. Tradução: Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MINERBO, Marion. *Neurose e não neurose*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. *O Eu Soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*. Tradução: Eliana Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

ZIZEK, Slavoj. *O Sujeito Incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Tradução: Luigi Barichello. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.